

## ANÍCIO MÂNLIO SEVERINO BOÉCIO DE SEU SEGUNDO COMENTÁRIO SOBRE A ISAGOGE DE PORFÍRIO

Tradução e introdução de:

Cezar Augusto Mortari<sup>1</sup>

Luiz Henrique Queriquelli<sup>1</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal de Santa Catarina

Anício Mânlio Torquato Severino Boécio, “o último dos romanos e o primeiro dos escolásticos”, nasceu em Roma, por volta do ano 480, em uma família romana tradicional que já havia aderido ao cristianismo. Morreu em Pavia, em 524 ou 525, tendo sido preso e depois executado por suposta participação em uma conspiração contra o rei ostrogodo Teodorico, o Grande, que o havia nomeado chefe de governo em 520.

Boécio conhecia muito bem a língua grega e tinha o projeto de traduzir para o latim toda a obra de Aristóteles e a de Platão. Sabemos que traduziu os escritos lógicos de Aristóteles (o *Organon*), dos quais a tradução boeciana das *Categorias* e *Da Interpretação* circularam amplamente na Europa até a redescoberta de Aristóteles no século XII na Idade Média.

Boécio desempenhou um grande papel na transmissão da cultura clássica. Escreveu sobre muitos outros tópicos além de filosofia, como música, matemática e teologia. Sua obra mais conhecida é a *Consolação da Filosofia*, escrita enquanto se encontrava no cárcere à espera da execução e que acabou sendo uma das obras mais reproduzidas na Idade Média. O livro consiste em um diálogo imaginário entre o prisioneiro Boécio e uma mulher, a personificação da



Filosofia, que lhe aparece em uma visão. No diálogo, eles discutem questões como as vicissitudes da fortuna, a injustiça do mundo e a providência divina.

Além dos escritos lógicos de Aristóteles, Boécio também traduziu a *Isagoge* de Porfírio (que é uma introdução às *Categorias* de Aristóteles), e escreveu dois comentários à esta obra, o primeiro baseado em uma tradução de Mário Vitorino, e um segundo, mais extenso, baseado em sua própria tradução.

O texto aqui traduzido faz parte do segundo comentário de Boécio à *Isagoge*, e trata do problema dos universais, uma das grandes questões discutidas na Idade Média. O problema pode ser apresentado de modo simples. Consideremos duas folhas de papel em branco. Ambas têm algo em comum, são brancas. Mas haveria algo, a brancura, que se repete nessas folhas, que está em uma delas e, a mesma e idêntica coisa, também na outra? Ou temos a brancura *desta* folha, que é extremamente parecida à brancura *daquela* folha? A primeira resposta, há uma “brancura” que se repete, que é estritamente a mesma em ambas as folhas, é dita realista; a outra é dita nominalista: temos apenas particulares, esta folha e sua brancura, aquela outra e sua brancura. Esta é, escusado dizer, uma formulação simples do problema, e existem muitos matizes em cada uma dessas posições: um realismo extremado platônico, um realismo moderado aristotélico, nominalismo de predicados, de classes, posições conceitualistas etc.

A discussão medieval dos universais (a “querela dos universais” que perpassou a Idade Média) foi motivada por uma questão levantada por Porfírio em sua *Isagoge* mas não por ele respondida. A saber:

Por ora, no que tange aos gêneros e às espécies eu me recusarei a dizer (a) se eles subsistem ou se encontram somente no puro entendimento, (b) se são corpóreos ou incorpóreos e (c) se são separados das coisas sensíveis ou existem nas coisas sensíveis e em acordo com elas, pois esta é uma questão mais elevada e requer uma investigação mais detalhada.

Pode-se dizer que a discussão medieval dos universais consistiu em buscar respostas à questão de Porfírio. Em seus comentários à *Isagoge*, Boécio debruça-se sobre a questão de Porfírio e propõe sua solução ao problema dos universais — uma forma de realismo moderado.

A tradução que aqui apresentamos é dos livros/capítulos 10 e 11 do Segundo Comentário à *Isagoge*, a partir do texto latino publicado em: S. Brandt (ed.), Vienna/Leipzig: Tempusky/Freitag, 1906 (Corpus scriptorum ecclesiasticorum latinorum 48).

Em termos de abordagem tradutória, procuramos mantermo-nos o mais próximos possível do texto latino, buscando, contudo, um texto legível em português, evitando nós semânticos e exotismos incompreensíveis. Além disso, também levamos em conta certas opções tradutórias já convencionadas na área de lógica, como por exemplo a tradução de *caetera* por “outros predicáveis” sempre que o termo coocorria com *genus*, como em *ergo intellectus generis et caeterorum cuiusmodi sit quaeritur* (“portanto, nos perguntamos de que tipo é o entendimento do gênero e dos outros predicáveis”). Assim, esperamos ter logrado um texto que, a um só tempo, faça jus à letra de Boécio, às expectativas de um bom texto em português e às exigências do especialista em lógica.

### Texto latino

### Texto em português

Anicii Manlii Seuerini Boethii  
In *Isagogem* Porphyrii Commentorum  
Editonis Secundae

Anício Mânlio Severino Boécio  
De seu Segundo Comentário sobre  
a *Isagoge* de Porfírio

10. Sed meminit Porphyrius  
introductionem sese conscribere  
neque ultra quam institutionis  
modus est, formam tractatus  
egreditur. Ait enim ‘se altiorum  
questionum nodis abstinere,

10. Mas Porfírio lembra que es-  
creveu uma introdução e não vai  
além daquilo que é um modo in-  
trodutório: a forma de um trata-  
do. Ele diz “abster-se dos nós das  
questões mais elevadas, mas tocar

simplices uero mediocri coniectura perstringere'. Quae uero sint altiores quaestiones quas se differre promittit, ita proponit:

*Mox, inquit, de generibus ac speciebus illud quidem siue subsistunt siue in solis nudisque intellectibus posita sunt siue subsistentia corporalia sunt an incorporea et utrum separata a sensibilibus an in sensibilibus posita et circa ea constantia, dicere recusabo. Altissimum enim est huiusmodi negotium et maioris egens inquisitionis.*

Altiores, inquit, quaestiones praetereo, ne eis intempestiue lectoris animo ingestis initia eius primitiasque perturbem. Sed ne omnino faceret neglegentem, ut nihil praeterquam quod ipse dixisset, lector amplius putaret occultum, id ipsum cuius exequi quaestionem se differre promisit, addidit, ut de his minime obscure penitusque tractando nec lectori quicquam obscuritatis offunderet et tamen scientia roboratus quid quaeri iure posset agnosceret.

em conjecturas simples e modestas". Quais sejam de fato as questões mais elevadas que ele promete adiar, assim as coloca:

“Por ora”, ele diz, “no que tange aos gêneros e às espécies eu me recusarei a dizer (a) se eles subsistem ou se encontram somente no puro entendimento, (b) se são corpóreos ou incorpóreos e (c) se são separados das coisas sensíveis ou existem nas coisas sensíveis e em acordo com elas, pois esta é uma questão mais elevada e requer uma investigação mais detalhada.”

Postergo as questões mais elevadas, ele diz, a fim de não perturbar intempestivamente, na mente do leitor que as considera, seus inícios e primeiros frutos. Mas a fim de não o tornar completamente negligente, pensando que não há nada mais oculto aqui, ele acrescenta uma menção à própria questão cujo exame prometeu adiar. Ele o faz a fim de não assoberbar o leitor com obscuridade, tratando desses assuntos de uma maneira obscura e exaustiva, e contudo a fim de que ele, fortificado pelo conhecimento, possa compreender o que poderia ser inquirido corretamente.

Sunt autem quaestiones quas sese reticere promittit, et peritiles et secretae et temptatae quidem a doctis uiris nec a pluribus dissolutae. Quarum prima est huiusmodi.

Omne quod intellegit animus aut id quod est in rerum natura constitutum, intellectu concipit et sibimet ratione describit aut id quod non est, uacua sibi imaginatione depingit. Ergo intellectus generis et caeterorum cuiusmodi sit quaeritur, utrumne ita intellegamus species et genera ut ea quae sunt et ex quibus uerum capimus intellectum, an nosmet ipsi nos ludimus, cum ea quae non sunt, animi nobis cassa cogitatione formamus.

Quod si esse quidem constiterit et ab his quae sunt, intellectum concipi dixerimus, tunc alia maior ac difficilior quaestio dubitationem parit, cum discernendi atque intellegendi generis ipsius naturam summa difficultas ostenditur. Nam quoniam omne quod est, aut corporeum aut incorporeum esse necesse est, genus et species in

As questões acerca das quais ele promete nada dizer são tanto muito úteis como também misteriosas, e foram abordadas por homens instruídos, mas não resolvidas por muitos deles. A primeira delas é como segue.

Para tudo o que a mente compreende, ela ou concebe intelectualmente o que existe constituído na natureza das coisas e a descreve a si mesma pela razão, ou então a mente retrata para si mesma por imaginação vazia aquilo que não existe. Portanto, nos perguntamos de que tipo é o entendimento do gênero e dos outros predicáveis. Acaso entendemos espécies e gêneros como o fazemos com coisas que existem, das quais tomamos um verdadeiro entendimento, ou porventura nos iludimos quando formamos para nós mesmos, pelo vão pensamento da mente, coisas que não existem?

Se estiver estabelecido que existem, e se dissermos que o entendimento deles é concebido a partir de coisas que de fato existem, então uma outra questão, maior e mais difícil, gera uma dúvida, uma vez que parece haver uma grande dificuldade em discernir e entender a natureza do próprio gênero. Pois, visto que tudo o que existe necessariamente é

aliquo horum esse oportebit. Quale erit igitur id quod genus dicitur, utrumne corporeum an uero incorporeum? Neque enim quid sit diligenter intenditur, nisi in quo horum poni debeat agnoscat.

Sed neque cum haec soluta fuerit quaestio, omne excludetur ambiguum. Subest enim aliquid quod, si incorporalia esse genus ac species dicantur, obsideat intelligentiam atque detineat exsolui postulans, utrum circa corpora ipsa subsistant an et praeter corpora subsistentiae incorporales esse uideantur.

Duae quippe incorporeorum formae sunt, ut alia praeter corpora esse possint et separata a corporibus in sua incorporalitate perdurent, ut deus, mens, anima, alia uero cum sint incorporea, tamen praeter corpora esse non possint, ut linea uel superficies uel numerus uel singulae qualitates, quas tametsi incorporeas esse pronuntiamus quod tribus spatiis minime distendantur, tamen ita in corporibus sunt, ut ab his diuelli nequeant aut separari aut, si a

ou corpóreo ou incorpóreo, gênero e espécie terão que estar em um desses grupos. Portanto, a que tipo pertence aquilo que é chamado gênero: acaso é corpóreo ou talvez incorpóreo? A questão do que é não pode ser cuidadosamente considerada a menos que se saiba em qual desses grupos deve ser classificado.

Mas nem mesmo quando essa questão tiver sido resolvida toda incerteza será eliminada. Pois ainda resta algo, se gênero e espécie são ditos serem incorpóreos, que bloqueia e detém a intelecção e insiste em ser solucionado: subsistem eles em conexão com corpos ou aparentam ser subsistências incorpóreas separadas dos corpos?

Pois há de fato duas formas de incorpóreos: assim como alguns podem existir separados de corpos e perduram separados de corpos em sua incorporeidade (como Deus, a mente e a alma), outros, porém, embora sejam incorpóreos, não podem existir separados dos corpos (como a linha ou a superfície, ou o número ou as qualidades avulsas), que, conquanto os declaremos incorpóreos, pois não estão de modo algum espalhados em três dimensões, todavia existem em corpos

corporibus separata sint, nullo modo permaneant.

Quas licet quaestiones arduum sit ipso interim Porphyrio renuente dissoluere, tamen aggrediar, ut nec anxium lectoris animum relinquam nec ipse in his quae praeter muneris suscepti seriem sunt, tempus operamque consumam. Primum quidem pauca sub quaestionis ambiguitate proponam, post uero eundem dubitationis nodum absoluere atque explicare temptabo.

Genera et species aut sunt atque subsistunt aut intellectu et sola cogitatione formantur, sed genera et species esse non possunt. Hoc autem ex his intellegitur. Omne enim quod commune est uno tempore pluribus, id unum esse non poterit; multorum enim est quod commune est, praesertim cum una eademque res in multis uno tempore tota sit. Quantaecumque enim sunt species in omnibus genus unum est, non quod de eo singulae species quasi partes aliquas carpant sed singulae uno tempore totum genus habent. Quo fit ut totum genus

de maneira tal que não podem ser arrancadas ou separadas deles, ou então, se forem separadas de corpos, não persistem de modo algum.

É difícil para o próprio Porfírio resolver essas questões. Por enquanto, ele recusa a tarefa. Todavia, vou tentá-la de modo tal a não deixar a mente do leitor preocupada acerca delas, e tal que eu próprio não dedique tempo e trabalho a questões que estão fora do âmbito da tarefa a que me proponho. Primeiro, então, vou estabelecer uns poucos pontos a respeito do dilema levantado pela questão. Depois disso, tentarei desatar o mesmo nó de dúvida, e explicá-lo.

Gêneros e espécies ou existem e subsistem ou são formados somente pelo entendimento e pelo pensamento. Mas gêneros e espécies não podem existir. Isto é compreendido pelas razões a seguir. Tudo o que é comum a várias coisas ao mesmo tempo não poderá ser um. O que é comum é “de muitos”, especialmente quando uma só e mesma coisa está como um todo em muitas coisas ao mesmo tempo. Pois não importa quantas espécies haja, em todas elas o gênero é um só, não porque as espécies singulares tomem para si alguma parte dele,

in pluribus singulis uno tempore positum unum esse non possit; neque enim fieri potest ut, cum in pluribus totum uno sit tempore, in semet ipso sit unum numero.

Quod si ita est, unum quiddam genus esse non poterit, quo fit ut omnino nihil sit; omne enim quod est, idcirco est quia unum est. Et de specie idem conuenit dici.

Quodsi est quidem genus ac species, sed multiplex neque unum numero, non erit ultimum genus, sed habebit aliud superpositum genus, quod illam multipliciter unius uel nominis includat. Ut enim plura animalia, quoniam habent quiddam simile, eadem tamen non sunt, idcirco eorum genera perquiruntur, ita quoque quoniam genus, quod in pluribus est atque ideo multiplex, habet sui similitudinem, quod genus est, non est uero unum, quoniam in pluribus est, eius generis quoque genus aliud quaerendum est, cumque fuerit inuentum, eadem ratione quae superius dicta est, rursus genus tertium uestigatur. Itaque in infinitum ratio procedat

mas porque cada uma tem o gênero inteiro ao mesmo tempo. É por isso que o gênero inteiro não pode ser pressuposto como um só em várias coisas singulares ao mesmo tempo. Pois não pode acontecer que, embora seja um todo em várias coisas ao mesmo tempo, ele seja todavia, em si próprio, uno em número.

Se isso é assim, então o gênero não pode ser um. Logo, não é absolutamente nada. Pois tudo o que existe, existe porque é um. O mesmo pode ser dito sobre as espécies.

Contudo, mesmo se gêneros e espécies existem, mas ambos são múltiplos e não um em número, não haverá um último gênero. Ele terá um outro gênero acima dele, que inclua aquela multiplicidade pela força do seu nome uno. Pois, assim como vários animais têm um certo algo similar, contudo não são o mesmo, e por essa razão seus gêneros são investigados, assim também um gênero que está em várias coisas e é, portanto, múltiplo tem consigo uma semelhança daquilo que é um gênero; não é na verdade um porque está em várias coisas. Um outro gênero daquele gênero também deve ser buscado e quando ele tiver sido encontrado, então,



necesse est, cum nullus disciplinae terminus occurrat.

Quodsi unum quiddam numero genus est, commune multorum esse non poterit. Una enim res si communis est, aut partibus communis est et non iam tota communis, sed partes eius propriae singulorum, aut in usus habentium etiam per tempora transit, ut sit commune ut seruus communis uel equus, aut uno tempore omnibus commune fit, non tamen ut eorum quibus commune est, substantiam constituat, ut est theatrum uel spectaculum aliquod, quod spectantibus omnibus commune est.

Genus uero secundum nullum horum modum commune esse speciebus potest; nam ita commune esse debet, ut et totum sit in singulis et uno tempore et eorum quorum commune est, constituere ualeat et formare substantiam. Quocirca si neque unum est, quoniam commune est, neque multa, quoniam eius quoque multitudinis genus aliud inquirendum est, uidebitur genus

pela mesma razão que foi dita acima, mais uma vez vai-se ao encalço de um terceiro gênero. E assim o argumento necessariamente continua ao infinito, uma vez que este procedimento não tem fim.

Ora, se um certo gênero é um em número, não pode ser comum a muitos. Pois uma coisa, se é comum, é ou comum por partes, e então o todo não é comum, mas suas partes pertencem a coisas individuais; ou ao longo do tempo, transita ao uso de quem quer que o possua, de modo que é comum como um escravo ou um cavalo; ou é comum em um momento a todos, contudo não de modo a constituir a substância daquilo ao qual é comum, como uma peça de teatro, ou algum espetáculo, que é comum a todos os espectadores.

Mas o gênero não pode ser comum às suas espécies em nenhuma dessas maneiras, pois deve ser comum de um modo tal que o todo dele esteja em todos os seus singulares, que isso ocorra ao mesmo tempo e que também seja capaz de constituir e dar forma à substância daquilo a que é comum. Portanto, se não é um porque é comum, nem muitos porque um outro gênero também deve

omnino non esse. Idemque de caeteris intellegendum est.

Quodsi tantum intellectibus genera et species caeteraque capiuntur, cum omnis intellectus aut ex re fiat subiecta, ut sese res habet aut ut sese res non habet — nam ex nullo subiecto fieri intellectus non potest —, si generis et speciei caeterorumque intellectus ex re subiecta ueniat, ita ut sese res ipsa habet quae intellegitur, iam non tantum in intellectu posita sunt sed in rerum etiam ueritate consistunt. Et rursus quaerendum est quae sit eorum natura quod superior quaestio uestigabat.

Quodsi ex re quidem generis caeterorumque sumitur intellectus neque ita ut sese res habet quae intellectui subiecta est, uanum necesse est esse intellectum qui ex re quidem sumitur, non tamen ita ut sese res habet; id est enim falsum quod aliter atque res est intellegitur.

ser buscado para aquela multitude, parecerá que o gênero não existe de modo algum. E o mesmo deve ser entendido para os outros predicáveis.

Mas se gêneros e espécies e o restante são apreendidos somente por entendimentos, uma vez que todo entendimento ou surge de uma coisa sujeita tal como essa coisa se apresenta ou surge de uma coisa sujeita tal como ela não se apresenta (pois nenhum entendimento pode surgir de nenhum sujeito), se o entendimento de gênero e espécies e o restante vem da coisa sujeita tal como se entende que a coisa se apresenta, então eles não são pressupostos somente no entendimento, mas também estão na verdadeira realidade. Mais uma vez, deve-se perguntar qual é sua natureza, o que investigava a questão acima.

Por outro lado, se o entendimento do gênero e do restante é tomado da coisa em si e não do modo como a coisa sujeita ao entendimento se apresenta, então deve ser vazio esse entendimento, o qual é tomado de uma coisa, admite-se, mas não do modo como a coisa se apresenta. Pois aquilo que é entendido diferentemente da coisa é falso.

Sic igitur, quoniam genus ac species nec sunt nec cum intelleguntur, uerus eorum est intellectus, non est ambiguum quin omnis haec sit deponenda de his quinque propositis disputandi cura, quandoquidem neque de ea re quae sit neque de ea de qua uerum aliquid intellegi proferriue possit, inquiritur.

11. Haec quidem est ad praesens de propositis quaestio, quam nos Alexandro consentientes hac ratiocinatione soluemus. Non enim necesse esse dicimus omnem intellectum qui ex subiecto quidem fit, non tamen ut sese ipsum subiectum habet, falsum et uacuum videri. In his enim solis falsa opinio ac non potius intellegentia est quae per compositionem fiunt. Si enim quis componat atque coniungat intellectu id quod natura iungi non patitur, illud falsum esse nullus ignorat, ut si quis equum atque hominem iungat imaginatione atque effigiet centaurum.

Quodsi hoc per divisionem et per abstractionem fiat, non quidem ita res sese habet, ut intellectus est,

Assim, portanto, porque gênero e espécie não existem, e o entendimento deles quando são entendidos não é verdadeiro, não há dúvida de que toda essa preocupação em discutir a respeito dos cinco predicáveis deva ser abandonada. Não se trata de inquirir acerca de uma coisa que existe, ou acerca de uma coisa que algo verdadeiro possa ser entendido ou afirmado.

11. Para o presente, esta é, na verdade, a questão acerca dos predicáveis, a qual vamos resolver concordando com Alexandre [de Afrodísias], por este raciocínio. Não dizemos que é necessário que todo entendimento que surge de um sujeito, mas não como esse próprio sujeito se apresenta, seja visto como falso e vazio. Opinião falsa em vez de inteligência ocorre somente naqueles casos que surgem por composição. Pois se alguém compõe e junta pelo entendimento o que a natureza não permite que seja juntado, ninguém falha em perceber que é falso – como, por exemplo, se alguém junta um cavalo e um homem na imaginação e retrata um centauro.

Mas se esse entendimento surge por divisão e por abstração, então a coisa não se apresenta como é

intellectus tamen ille minime falsus est; sunt enim plura quae in aliis esse suum habent, ex quibus aut omnino separari non possunt aut, si separata fuerint, nulla ratione subsistunt.

Atque ut hoc nobis in peruagato exemplo manifestum sit, linea in corpore quidem est aliquid et id quod est, corpori debet, hoc est esse suum per corpus retinet. Quod docetur ita: si enim separata sit a corpore, non subsistit; quis enim umquam sensu ullo separatam a corpore lineam cepit? Sed animus cum confusas res permixtasque in se a sensibus cepit, eas propria ui et cogitatione distinguit.

Omnes enim huiusmodi res incorporeas in corporibus esse suum habentes sensus cum ipsis nobis corporibus tradit, at uero animus, cui potestas est et disiuncta componere et composita resolueret, quae a sensibus confusa et corporibus coniuncta traduntur, ita distinguit, ut incorpoream naturam per se ac sine corporibus in quibus est concreta, speculetur et uideat.

entendida, e contudo esse entendimento de modo algum é falso. Pois existem muitas coisas que têm seu ser em outras, das quais elas ou não podem ser completamente separadas, ou, se forem separadas, de nenhum modo subsistem.

Para deixar isso claro por um exemplo muito conhecido, uma linha é algo em um corpo, e o que ela é, deve-o ao corpo. Isto é, ela mantém seu ser através do corpo. Isso é explicado como segue. Se for separada do corpo, não subsiste. Quem, pois, alguma vez, por meio de algum sentido, apreendeu uma linha separada de um corpo? Mas a mente, quando apreende em si, pelos sentidos, coisas confusas e misturadas, distingue-as por meio de seu próprio poder e pensamento.

Deste modo, os sentidos transmitem a nós, juntamente com os próprios corpos, todas as coisas incorpóreas que têm seu ser em corpos. Mas a mente, cujo poder é tanto de ligar o que está separado e separar o que está composto, distingue as coisas confusas e ligadas a corpos, que são a ela transmitidas pelos sentidos, de tal maneira que olha e vê a natureza incorpórea por si mesma e separada dos corpos nos quais ela é

Diuersae enim proprietates sunt incorporeorum corporibus permixtorum, etsi separentur a corpore.

Genera ergo et species caeteraque uel in incorporeis rebus uel in his quae sunt corporea, reperiuntur. Et si ea in rebus incorporeis inuenit animus, habet ilico incorporeum generis intellectum, si uero corporalium rerum genera speciesque perspexerit, aufert, ut solet, a corporibus incorporeorum naturam et solam puramque ut in se ipsa forma est contuetur. Ita haec cum accipit animus permixta corporibus, incorporalia diuidens speculatur atque considerat.

Nemo ergo dicat falso nos lineam cogitare, quoniam ita eam mente capimus quasi praeter corpora sit, cum praeter corpora esse non possit. Non enim omnis qui ex subiectis rebus capitur intellectus aliter quam sese ipsae res habent, falsus esse putandus est, sed, ut superius dictum est, ille quidem qui hoc in compositione facit falsus est, ut cum hominem atque equum iungens putat esse centaurum,

tornada concreta. Pois há propriedades distintivas de incorpóreos misturados a corpos, ainda que elas sejam separados desses corpos.

Portanto, gêneros, espécies e o restante são encontrados tanto nas coisas incorpóreas quanto naquelas que são corpóreas. Se a mente os encontra em coisas incorpóreas, tem imediatamente um entendimento incorpóreo do gênero. Mas se observa os gêneros e espécies de coisas corpóreas, então, como é seu hábito, remove dos corpos a natureza desses incorpóreos, e a examina, sozinha e pura, como uma forma em si mesma. Desta maneira, quando considera essas coisas misturadas com corpos, a mente, distinguindo os incorpóreos, os examina e considera.

Que ninguém diga, portanto, que estamos pensando falsamente a propósito da linha porque a apreendemos pela mente, como se estivesse separada dos corpos, mesmo que não possa existir separada dos corpos. Pois nem todo entendimento que é apreendido das coisas sujeitas de modo diferente do que elas próprias se apresentam deve ser considerado falso. Mas, como foi dito acima, aquele que faz isso

qui uero id in divisionibus et abstractionibus assumptionibusque ab his rebus in quibus sunt efficit, non modo falsus non est, verum etiam solus id quod in proprietate uerum est inuenire potest.

Sunt igitur huiusmodi res in corporalibus atque in sensibilibus, intelleguntur autem praeter sensibilia, ut eorum natura perspicui et proprietates ualeat comprehendere. Quocirca cum genera et species cogitantur, tunc ex singulis in quibus sunt eorum similitudo colligitur ut ex singulis hominibus inter se dissimilibus humanitatis similitudo, quae similitudo cogitata animo ueraciterque perspecta fit species; quarum specierum rursus diversarum similitudo considerata, quae nisi in ipsis speciebus aut in earum indiuiduis esse non potest, efficit genus.

Itaque haec sunt quidem in singularibus, cogitantur uero universaliter. Nihilque aliud species esse putanda est nisi

compondo coisas é falso, como quando alguém junta um homem e um cavalo e pensa que um centauro existe. Na verdade, o entendimento que faz isso por divisões e abstrações e tirando coisas de onde elas existem não somente não é falso, mas é sozinho capaz de descobrir o que é propriamente verdadeiro.

Deste modo, portanto, existem coisas em corpóreos e sensíveis, mas são entendidas separadas de sensíveis, de modo que sua natureza pode ser examinada e sua propriedade distintiva compreendida. Por esta razão, quando gêneros e espécies são pensados, sua semelhança é apreendida das coisas individuais nas quais existem – como, por exemplo, de homens individuais, entre si dessemelhantes, apreende-se a similitude da humanidade. Essa similitude, pensada pela mente e examinada verdadeiramente, constitui as espécies. Mais uma vez, a similitude dessas diversas espécies, a qual não pode existir exceto nessas espécies ou em seus indivíduos, constitui um gênero quando é considerada.

E assim essas coisas existem em singulares, mas são consideradas como universais. A espécie deve ser considerada como nada mais

cogitatio collecta ex indiuiduorum dissimilium numero substantiali similitudine, genus vero cogitatio collecta ex specierum similitudine. Sed haec similitudo cum in singularibus est, fit sensibilis, cum in uniuersalibus fit intellegibilis, eodemque modo cum sensibilis est, in singularibus permanet, cum intellegitur, fit uniuersalis. Subsistunt ergo circa sensibilia, intelleguntur autem praeter corpora.

Neque enim interclusum est ut duae res eodem in subiecto sint ratione diuersae, ut linea curua atque caua, quae res cum diuersis definitionibus terminentur diuersusque earum intellectus sit, semper tamen in eodem subiecto reperiuntur; eadem enim linea caua, eadem curua est. Ita quoque generibus et speciebus, id est singularitati et uniuersalitati, unum quidem subiectum est, sed alio modo uniuersale est cum cogitatur, alio singulare, cum sentitur in rebus his in quibus esse suum habet.

do que o pensamento colhido da semelhança substancial de indivíduos que são dessemelhantes em número. Gênero, por outro lado, é o pensamento colhido da semelhança de espécies. Mas essa semelhança se torna sensível quando existe em singulares, e torna-se inteligível quando está em universais. Do mesmo modo, quando é sensível permanece em singulares, mas quando é entendida se torna universal. Subsistem, portanto, no reino dos sensíveis, mas são entendidas separadas dos corpos.

Pois não está excluído que duas coisas que estejam no mesmo sujeito sejam conceitualmente diversas, como uma linha convexa e uma côncava. Uma vez que essas coisas são limitadas por diversas definições, o entendimento delas é diverso. Contudo, são sempre encontradas no mesmo sujeito: pois a mesma linha é côncava e é convexa. Assim, também, para gêneros e espécies – isto é, para singularidade e universalidade – um só, de fato, é o sujeito. Mas é universal de um modo, quando é pensado, e singular de outro, quando é percebido pelos sentidos nas coisas nas quais tem o seu ser.

His igitur terminatis omnis, ut arbitrator, quaestio dissoluta est. Ipsa enim genera et species subsistunt quidem alio modo, intelleguntur uero alio, et sunt incorporea, sed sensibilibus iuncta subsistunt in sensibilibus. Intelleguntur uero ut per semet ipsa subsistentia ac non in aliis esse suum habentia.

Sed Plato genera et species caeteraque non modo intellegi uniuersalia, uerum etiam esse atque praeter corpora subsistere putat, Aristoteles uero intellegi quidem incorporea atque uniuersalia, sed subsistere in sensibilibus putat; quorum diiudicare sententias aptum esse non duxi, altioris enim est philosophiae. Idcirco uero studiosius Aristotelis sententiam executi sumus, non quod eam maxime probaremus, sed quod hic liber ad Praedicamenta conscriptus est, quorum Aristoteles est auctor.

Com tudo isso terminado, toda questão está respondida, penso eu. Pois gêneros e espécies subsistem de uma maneira, mas são entendidos de outra. Eles são incorpóreos, mas subsistem em sensíveis, ligados a sensíveis. Eles são entendidos, contudo, como subsistindo por si próprios, e não como tendo seu ser em outros.

Mas Platão pensa que gêneros e espécies e o restante são não somente entendidos como universais, mas também existem e subsistem separados de corpos. Aristóteles, contudo, pensa que são entendidos como incorpóreos e universais, mas subsistem em sensíveis. Não considero apropriado decidir entre suas concepções, pois isso pertence a uma filosofia mais elevada. Mas seguimos cuidadosamente aqui a concepção de Aristóteles, não porque a recomendaríamos acima de tudo, mas porque este livro, [a *Isagogé*], é escrito sobre as *Categorias*, de que Aristóteles é o autor.

Recebido em: 15/06/2023

Aprovado em: 11/10/2023

Publicado em outubro de 2023

---

Cezar Augusto Mortari. Florianópolis, Santa Catarina, Brasil. E-mail: c.mortari@ufsc.br. <https://orcid.org/0009-0004-1653-539X>.

Luiz Henrique Queriquelli. Florianópolis, Santa Catarina, Brasil. E-mail: luiz-queriquelli@yahoo.com.br. <https://orcid.org/0000-0002-4573-3289>.